

# CARNAVALIZAÇÃO E LITERATURA

Helena Parente Cunha

Entre os pares de oposições que marcam os limites da extensão da nossa realidade, o riso e o sério constituem necessidades da existência humana, atitudes básicas do homem no seu ser no mundo. De fato, através do tom sério ou da linguagem do riso, expressamos os princípios fundamentais do universo e atingimos a verdade das coisas e da vida.

A partir de um entendimento da literatura como forma de manifestação da realidade e também como consciência da existência, dispomos de melhores condições para verificar o profundo significado da presença inevitável de um desses tons (ou dos dois) nas obras literárias.

Quando eu me refiro às categorias do sério e do riso, trato de situações extremas, muito difíceis de se realizarem prolongadamente com exclusividade absoluta, encontrando-se, em geral, nas ocorrências da existência humana ou nas obras literárias, a predominância de uma dessas tendências.

Ainda em termos radicais, com o intuito de esclarecer os conceitos, associa-se o lado sério ao tom oficial da classe do poder, enquanto o lado cômico acha-se mais próximo do caráter popular, pois o riso nasce espontâneo em meio ao povo que, nas suas brincadeiras, protesta e ridiculariza os poderosos.

A poética clássica, que se firmou na França no século XVII e vigorou na Europa por dois séculos, não valorizou o cômico e, na hierarquização dos gêneros, colocou em destaque a tragédia e a epopéia, cujos personagens principais pertenciam à aristocracia e à nobreza, considerando inferiores a sátira e a comédia, preconceito até certo ponto vigente ainda hoje.

O autor russo Bakhtine, em seus estudos recentemente difundidos no Brasil, através de traduções francesas, subverte os padrões elitistas da poética clás-

sica e se interessa pelo que antes se desprezava, isto é, conforme sua denominação, a literatura carnavalizada, originária do riso franco do pove.

A literatura carnavalizada abrange os gêneros ligados ao cômico e, direta ou indiretamente, sofreu influência do carnaval. Ao falar em carnaval, não me reporto apenas à festa popular do Ocidente, que tem maior ou menor prestígio conforme o lugar, mas no Brasil se tornou famosíssima e atrai turistas de todas as partes do mundo.

Para Bakhtine, o carnaval possui um sentido mais amplo que envolve a vida rica e variada da festa popular, encarando-se a festa como categoria primeira e indestrutível da civilização humana.

A carnavalização da literatura é a transposição do espírito do carnaval para a literatura, fato observado em proporções variáveis. A carnavalização não se resume num esquema exterior que se acrescenta a um conteúdo pronto e acabado, mas uma forma flexível de visão literária, um princípio que nos dá uma perspectiva nova do fenômeno literário.

O carnaval é um espetáculo sincrético, de forma complexa, com variantes dependentes das diferenças dos povos e das épocas. O carnaval de hoje tem origem no carnaval da Idade Média, por sua vez aparentado com as antigas saturnais romanas, quando se celebrava o deus Saturno, que instaurou a idade de ouro, ou seja, uma época lendária de paz e abundância. É próprio da festa abolir as leis e as regras e, simbolicamente, estabelecer o caos. O carnaval e as saturnais são festas origiásticas, de remota origem religiosa que, em meio ao caos instaurado, acenam, indiretamente, com a promessa de renovação, no inconsciente desejo de renascimento para a harmonia e a ordem. O carnaval revive o mito da nostalgia do paraíso perdido.

A severa cultura oficial da Idade Média opunha as cerimônias litúrgicas da Igreja, apoiada pelo Estado, ao mundo livre da festa popular de inspiração carnavalesca. Até o século XVII, a religião ocidental seguiu um processo de alternância interessado em separar os cultos oficiais das formas subversivas de celebração que conservavam a memória dos primitivos cultos mágicos.

O carnaval, portanto, reage contra o sério oficial, unilateral, gerado do medo, hostil ao que muda e se renova, preocupado em defender valores absolutos. O carnaval denuncia a relatividade das verdades e da autoridade no poder, configurando o reino utópico da liberdade e da igualdade, numa concepção de mundo que anula a hierarquia e derruba as barreiras sociais. Na verdadeira festa carnavalesca, não há diferença entre servos e senhores, governantes e governados.

O princípio da festa popular se enfraqueceu bastante devido à racionalização da cultura, responsável pela mudança radical operada na visão de mundo do homem moderno. O ideal religioso da Idade Média (século V ao XV aproximadamente) e o ideal heróico do Renascimento (século XVI) consagram um tipo de ação baseado em valores absolutos que foram minados pelos critérios pragmáticos de eficiência e rentabilidade oriundos do processo racionalizante. O incremento do capitalismo depreciou os comportamentos regidos por valores absolutos, não instrumentais. A racionalização das atividades econômicas motivou a nova ética de trabalho fundada na impessoalidade, que eliminou os elos afetivos e promoveu um dos problemas máximos do homem contemporâneo, a solidão, tanto maior quanto mais densa a população dos centros urbanos.

A onda racionalizante começa a desagregar o vigor da festa popular e a espontaneidade do riso, a partir do século XVII, na Europa, no entanto, no Brasil, ocorre exatamente o processo inverso. O carnaval dá os primeiros passos e se firma, difundindo-se a tal ponto que influenciou na formação da consciência do povo brasileiro e na sua concepção de mundo. O brasileiro é um povo alegre e brincalhão que gosta de cantar e dançar nas inúmeras festas promovidas durante o ano.

As circunstâncias segundo as quais o Brasil foi colonizado, após a sua descoberta em 1500, acarretaram um hibridismo racial em que se fundem o sangue do português colonizador, o do índio selvagem dono da terra e o do negro africano trazido como escravo para trabalhar, em sua maior parte, nas imensas fazendas de cana de açúcar.

Do contingente português, enviado para colonizar o Brasil, faziam parte padres jesuítas com a missão de catequizar os índios e os negros, porém, desde o início, esses religiosos tiveram de utilizar os mais diversos expedientes que tornassem atraente o ensinamento do catolicismo. Os padres jesuítas não conseguiram que os índios e os negros abandonassem completamente suas crenças primitivas, cujos rituais, praticados entre músicas, cantos e danças, acabaram por impregnar o catolicismo brasileiro que hoje apresenta um caráter sincrético e festeiro. Até os dias atuais, muitas comemorações da Igreja se acompanham de festas de rua. Nos inícios da colonização, o poder, a riqueza, a abundância resultantes do rápido crescimento da propriedade rural, desencadearam o luxo e a ostentação, fatores causadores do alastramento da sensualidade e da lascívia. Num país tão vasto quanto o Brasil e com a sede do governo distante em Portugal, era natural que os fazendeiros, donos de imensas extensões de terra, se revestissem de ilimitada autoridade e costumassem fazer valer a sua vontade, que nem sempre podia corresponder à moral religiosa. Por esses motivos, os padres catequistas não encontravam campo para impor uma orientação rígida e ortodoxa, levando a religião a perder o aspecto severo e intransigente.

A religiosidade brasileira, que podemos considerar como sentimental e mágica, atuou na formação da consciência nacional e contribuiu para definir algumas tendências típicas do povo. No Brasil, religião e carnaval andam de mãos dadas, o que determina traços específicos da cultura local. Provavelmente este aspecto decisivo impede o brasileiro de se deixar arrastar pelo avalanche racionalizadora que devasta e destrói os valores essencialmente humanos, nesta época de crise e incerteza. É verdade que nos grandes centros e no ambiente intelectual o pensamento materialista exerce uma influência significativa, porém não a ponto de sufocar o espírito religioso das várias classes sociais, desde o povo à alta burguesia.

O carnaval convida à subversão e a virar o mundo de cabeça para baixo, numa aberta provocação ao riso desmedido. O caráter do brasileiro muito se aproxima deste espírito irreverente e divertido, capaz de transformar todo aconte-

tecimento em anedota ou piada, numa aversão ostensiva a toda obediência repressiva e a toda disciplina desindividualizadora. A psicologia do povo brasileiro reage contra o modelo padronizado imposto pela cultura racionalizada.

Evidentemente a literatura brasileira se deixou impregnar pelo riso do carnaval, mas cumpre esclarecer que as elites intelectuais de um país tão jovem não podem evitar os influxos provindos dos centros de tradição cultural milenar como a Europa. Ao lado, pois desta tendência menos original, cresce e palpita uma literatura de cunho nacionalista, dotada de características próprias.

Em toda parte, a arte culta ou séria segue as suas convenções e, apesar de contrária à insubmissão e à troça, não escapa das infiltrações das estruturas carnavalizantes, como a sátira, por exemplo, gênero antiquíssimo, que constitui uma modalidade do riso e do cômico, no seu protesto escarnekedor frente à ordem vigente.

Gregório de Matos, que viveu e morreu no século XVII, é o primeiro grande poeta brasileiro, autor de uma extensa obra, onde se separam nitidamente as duas tendências: a séria e culta, de inspiração européia e a carnavalizade, de sabor nacional e popular.

Uma parte da poesia amorosa de Gregório de Matos pertence à corrente "petrarquista" que domina todo o lirismo do ocidente, sobretudo nos Séculos XVI e XVII. O "petrarquismo" utiliza os procedimentos estilísticos do poeta italiano Petrarca que, com todos os seus seguidores, falam invariavelmente de um amor não correspondido, dedicado a uma mulher de rara beleza física e de incomparável perfeição moral e espiritual. O soneto de Gregório de Matos que vou transcrever, dedicado à amada Maria, nas duas primeiras estrofes fala dessa rara beleza e insinua sua virtude e castidade que não lhe permitem gozar a "flor da formosura". Na terceira estrofe começa o tema da fugacidade do tempo, que muito angustiou os poetas da época, preocupados com o breve passar da mocidade e o rápido chegar da velhice.

Discreta e formosíssima Maria,

Enquanto estamos vendo claramente  
Na vossa ardente vista o sol ardente,  
E na rosada face a Aurora fria :

Enquanto pois produz, enquanto cria  
Essa esfera gentil, mina excelente  
No cabelo o metal mais reluzente,  
E na boca a mais fina pedraria :

Gozaí, gozaí da flor da formosura,  
Antes que o frio da madura idade  
Tronco deixe despido, o que é verdura.

Que passado o zenite da mocidade,  
Sem a noite encontrar da sepultura,  
É cada dia ocaso de beldade.

Na primeira estrofe, temos a comparação dos olhos ao sol e da face ao rosado da aurora, enquanto na segunda estrofe o poeta compara exageradamente o cabelo a uma mina de metal reluzente e a boca às pedras preciosas. Na terceira estrofe, vem o apaixonado convite à amada para gozar toda essa beleza, antes que se acabe com a idade. Finalmente na última estrofe o poeta lembra que, quando passa o auge da mocidade antes da morte chegar, cada dia representa o fim e a destruição da beleza.

A linha carnavalizante da produção poética de Gregório de Matos inverte completamente as convenções e as conveniências da lírica de influência erudita que enaltecia, sem exceção, as belas mulheres de origem européia, de pele alva como a neve e cabelos de ouro, conforme as próprias imagens desses poetas, por longo tempo repetidas. Gregório de Matos viveu no segundo século da nossa colonização, época em que já havia um bom número de mulheres negras e

também de mulatas, resultantes do cruzamento do sangue português com o negro. Em vez das diáfanas figuras das loiras amadas, o poeta exalta a opelenta sensualidade da mulher de cor. A descrição da mulata de nome Catona deixa entrever os hábitos lingüísticos da lírica erudita, porém invertidos, provenientes da recusa ao modelo repressivo da cultura oficial, em favor da liberdade anárquica de um erotismo sem freios:

Que pouco sabe de amor,  
quem viu, formosa Catona,  
que há nessa celeste zona  
astro ou luminar maior:  
também a violeta é flor,  
e mais é negra a violeta,  
e se bem pode um poeta  
uma flor negra estimar,  
também eu posso adorar  
nos céus um pardo planeta.

Ao invés das cogitações em torno de um amor idealizado e frustrado, temos a alegria espontânea de uma situação concretamente possível, ao lado de uma mulher do povo. Os atributos siderais da amada, típicos da lírica erudita, permanecem, todavia, muda a cor do astro, pardo, no momento em que aparece a escura violeta em lugar das brilhantes rosas da aurora ou dos cândidos lírios, muito comuns em pomas “petrarquistas”. Na linha carnalizante, Gregório de Matos procura a liberação do tema tradicional e a permissividade moral.

Na produção satírica, sentimos o riso ou a gargalhada que se irradia da crítica irreverente dirigida por Gregório aos poderosos do seu tempo, como por exemplo o retrato de um dos governadores, do qual transcrevo um pequeno trecho, referente ao famoso nariz:

Nariz de embono  
com tal sacada,  
que entra na escada  
duas horas primeiro  
que seu dono.

A carnavalização da literatura absorve as peculiaridades do carnaval, a partir do riso e dos traços populares, num desejo de liberdade, sem o peso da hierarquia nem das pressões e sem qualquer cuidado relativo ao sublime e ao pudor. A valorização de todos os elementos transgressores do sistema incorpora os marginais, desde os bêbados e os vagabundos até às prostitutas, numa significativa oposição às virtudes do herói tradicional. Gregório de Matos começou. Outros continuaram. Jorge Amado é hoje um dos escritores mais conhecidos, representante máximo dessa vocação do brasileiro para a alegria despreocupada do carnaval.

Somente o entendimento do carnaval na qualidade de categoria da existência humana, pode dar-nos a sua visão ampla de apreensão da realidade através do riso e da descontração que, no Brasil, podem estar presentes no apartamento de luxo e na miséria da favela, na macumba e nas praças das igrejas, no samba e no futebol. No país do carnaval, essa alegria sem controle é também um modo de viver a certeza da angústia sem remédio da hora presente.